MISTÉRIOS DA BÍBLIA

# O Pacto Que Satanás Fez Com Deus ANTES de Tentar Jó

*A Negociação Que Mudou a História do Mundo*

## Fontes e Referências Bibliográficas

Levantamento das fontes primárias e da literatura crítica que sustentam o documentário, ordenado cronologicamente — do texto canônico do Livro de Jó às versões antigas, à literatura do Segundo Templo, à tradição rabínica e à erudição moderna sobre a figura do Acusador.

*“Porventura teme Jó a Deus de graça?”*
*— Jó 1.9*

### Nota sobre a Disciplina das Fontes

Este documentário distingue rigorosamente quatro camadas de testemunho, e o presente levantamento as mantém separadas. A **primeira** é o texto canônico do Livro de Jó, na Bíblia hebraica — a única autoridade para os fatos narrados na cena do tribunal celeste. A **segunda** são as versões antigas (grega, aramaica, latina), que testemunham como o livro foi lido e traduzido na Antiguidade. A **terceira** é a literatura do Segundo Templo e os escritos apócrifos, em que a figura do adversário ganha contornos progressivamente pessoais — material que *não* pertence ao Jó canônico e é sempre identificado como tal. A **quarta** é a tradição rabínica e a erudição moderna, citadas como interpretação, jamais confundidas com a letra do texto. Onde o vídeo afirma "o texto diz", a fonte está na Seção I; onde afirma "a tradição propõe", nas Seções III, IV e VII.

## I. O Texto Canônico

*O Livro de Jó e a assembleia celeste na Bíblia hebraica — a fonte primária da cena.*

**O Livro de Jó (Sefer Iyov) — Bíblia hebraica.**

**Datação** A composição é debatida; o núcleo poético situa-se provavelmente entre os séculos VI e IV a.C., enquanto a moldura em prosa (caps. 1–2 e 42) pode preservar uma tradição narrativa mais antiga.

**Conteúdo** A cena do tribunal celeste e a dupla negociação (Jó 1.6–12; 2.1–7); o termo *ha-satan* com artigo definido ("o acusador"); "de graça" / *chinam* (1.9; 2.3); "pele por pele" (2.4); a "cerca" de proteção (1.10); o discurso do turbilhão (38–41) e a restauração (42).

**Edição crítica** *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS), ed. K. Elliger e W. Rudolph. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1977.

**Passagens paralelas sobre o acusador e a assembleia divina.**

**Conteúdo** Zacarias 3.1–2 (o acusador postado para acusar o sumo sacerdote Josué, e repreendido pelo Senhor); 1 Crônicas 21.1, lido em paralelo com 2 Samuel 24.1 (um *satan* incita Davi onde o texto mais antigo atribuía o incitamento ao Senhor); 1 Reis 22.19–23 (a visão de Micaías: o trono, o exército do céu e o espírito que se oferece e recebe permissão); Salmos 82 e 89.6–8 (a assembleia dos seres celestes).

**Contribuição** Estabelecem que o *satan*, no cânon hebraico, é uma *função* acusatória dentro de uma corte celeste, e não ainda a figura plenamente individualizada de tradições posteriores.

## II. As Versões Antigas

*Septuaginta, Targum e Vulgata — a recepção e tradução do livro na Antiguidade.*

**Septuaginta (LXX) — o Jó grego.**

**Datação** Tradução grega realizada por volta dos séculos II–I a.C.

**Natureza** Cerca de um sexto mais breve que o texto hebraico massorético, com um acréscimo final sobre os ancestrais de Jó; testemunho antigo da forma e da recepção do livro.

**Edição** *Septuaginta*, ed. A. Rahlfs. Stuttgart, 1935. Edição crítica do Jó grego: J. Ziegler, *Iob* (Septuaginta Gottingensis XI.4). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.

**Targum de Jó, incluindo o Targum de Qumran (11Q10 / 11QtgJob).**

**Datação** O targum aramaico de Qumran (gruta 11) data do século I d.C. ou antes — um dos mais antigos targumim conhecidos.

**Contribuição** Tradução aramaica antiga do livro; testemunho da sua interpretação ainda no período do Segundo Templo.

**Edição** J. P. M. van der Ploeg e A. S. van der Woude, *Le Targum de Job de la grotte XI de Qumrân*. Leiden: Brill, 1971. Tradução de referência: C. Mangan, *The Targum of Job* (The Aramaic Bible, 15). Collegeville,

1991.

**Vulgata — o Jó latino de Jerônimo.**

**Datação** Tradução latina realizada por volta dos séculos IV–V d.C.

**Contribuição** Base textual da recepção ocidental e medieval do livro, sobre a qual se ergueu boa parte da exegese cristã posterior.

## III. A Literatura do Segundo Templo e os Escritos Apócrifos

*Material extracanônico — citado sempre como tradição, jamais como o texto de Jó.*

**1 Enoque (Livro dos Vigilantes).**

**Datação** As porções mais antigas remontam ao século III a.C.

**Conteúdo** Os anjos que caíram, as hierarquias celestes e os espíritos do mal — contexto para a personalização das figuras angélicas e o desenvolvimento do adversário.

**Edição** G. W. E. Nickelsburg, *1 Enoch 1* (Hermeneia). Minneapolis: Fortress, 2001. Tradução: M. A. Knibb, *The Ethiopic Book of Enoch*. Oxford, 1978.

**Livro dos Jubileus.**

**Datação** Composto por volta do século II a.C.

**Conteúdo** O príncipe Mastema, chefe dos espíritos do mal, a quem se atribui acusar, tentar e destruir. Em Jubileus 17–18 é Mastema quem propõe a Deus a prova de Abraão — eco direto da estrutura da cena de Jó.

**Edição** J. C. VanderKam, *The Book of Jubilees* (CSCO 510–511). Lovaina: Peeters, 1989.

**Sabedoria de Salomão.**

**Datação** Escrito grego de origem judaica, por volta do século I a.C.

**Conteúdo** “Pela inveja do diabo a morte entrou no mundo” (Sb 2.24): o adversário é nomeado *diabolos* — o caluniador. Marco da transição do *ha-satan* funcional para a figura individualizada do diabo.

**Testamento de Jó.**

**Datação** Obra judaica composta por volta dos séculos I a.C.–I d.C., conservada fora do cânon.

**Conteúdo** Recontagem de Jó como discurso de despedida. Satanás é personificado e nomeado, e ao conflito é dada uma *causa* (Jó derruba o templo de um ídolo). Ilustra como a tradição posterior preencheu o silêncio do livro canônico — onde Jó *nunca* sabe contra quem luta, aqui ele sabe.

**Edição** R. P. Spittler, “Testament of Job”, em J. H. Charlesworth (ed.), *The Old Testament Pseudepigrapha*, vol. 1. Nova York: Doubleday, 1983.

## IV. A Tradição Rabínica

*Talmude e Midrash — leituras clássicas da cena, citadas como tradição interpretativa.*

**Talmude Babilônico, tratado Bava Batra 14b–16b.**

**Conteúdo** A célebre disputa sobre a existência histórica de Jó (incluindo a opinião de que “Jó nunca existiu e foi uma parábola” — *mashal*); o debate sobre a sua época e sobre a atribuição mosaica do livro; e a leitura, atribuída a Resh Lakish, que identifica o acusador com o *yetzer hara* (instinto do mal) e com o anjo da morte.

**Edição** *Talmud Bavli*, tratado Bava Batra. Edições de referência: The Soncino Press (Londres) e a edição Steinsaltz (Koren, Jerusalém).

**Midrash agádico sobre Jó (Bereshit Rabbah e coletâneas afins).**

**Contribuição** Tradições homiléticas e narrativas que ampliam a figura de Jó e do acusador na imaginação rabínica; usadas no vídeo apenas como ilustração da recepção, não como dado histórico.

## V. A Recepção Patrística e Medieval

*A leitura cristã fundacional que moldou a interpretação do livro no Ocidente.*

**Gregório Magno, *Moralia in Job* (Comentário Moral a Jó).**

**Datação** Composto por volta do século VI d.C.

**Contribuição** Comentário cristão de imensa influência; sua leitura moral e alegórica do livro definiu, por séculos, o modo como o Ocidente medieval compreendeu o sofrimento de Jó e a função do adversário.

## VI. Comentários Críticos Modernos ao Livro de Jó

*Obras acadêmicas de referência sobre o texto, a estrutura e a teologia do livro.*

**Marvin H. Pope, *Job* (The Anchor Bible, 15). Garden City: Doubleday, 1965.**

**Contribuição** Comentário filológico clássico, atento ao léxico hebraico e ao pano de fundo do antigo Oriente Próximo, incluindo o sentido de *ha-satan* e de "pele por pele".

**Norman C. Habel, *The Book of Job: A Commentary* (Old Testament Library). Filadélfia: Westminster, 1985.**

**Contribuição** Análise literária da arquitetura do livro, com leitura cuidadosa do prólogo celeste como cena dramática e da função estrutural da aposta.

**David J. A. Clines, *Job 1–20* (Word Biblical Commentary, 17). Waco: Word Books, 1989.**

**Contribuição** Comentário detalhado e exaustivo do prólogo (caps. 1–2), com tratamento minucioso da assembleia celeste, da concessão divina e dos limites impostos ao acusador.

**Robert Gordis, *The Book of Job: Commentary, New Translation and Special Studies*. Nova York: JTS, 1978.**

**Contribuição** Tradução e comentário com estudos especiais; valioso pela leitura judaica do livro e pela atenção ao problema da retidão desinteressada.

**Carol A. Newsom, *The Book of Job: A Contest of Moral Imaginations*. Oxford: Oxford University Press, 2003.**

**Contribuição** Estudo influente sobre as vozes em conflito do livro; lê o embate entre Jó e os amigos como disputa entre imaginações morais rivais — base teórica para a tese do documentário sobre a fé "de graça".

## VII. Estudos sobre a Figura do Acusador (ha-satan)

*A história e o desenvolvimento da figura do adversário, do cânon hebraico ao diabo.*

**Peggy L. Day, *An Adversary in Heaven: satan in the Hebrew Bible* (Harvard Semitic Monographs, 43). Atlanta: Scholars Press, 1988.**

**Contribuição** Estudo monográfico decisivo sobre o termo *satan* na Bíblia hebraica; sustenta que, em Jó, Zacarias e Crônicas, trata-se de um papel funcional na corte celeste, e não de um nome próprio.

**Rivkah Schärf Kluger, *Satan in the Old Testament*. Evanston: Northwestern University Press, 1967.**

**Contribuição** Análise da emergência da figura do satan no Antigo Testamento, com atenção particular ao acusador de Jó.

**Elaine Pagels, *The Origin of Satan*. Nova York: Random House, 1995.**

**Contribuição** História do desenvolvimento da figura de Satanás do Segundo Templo em diante; útil para situar a distância entre o *ha-satan* de Jó e o diabo das tradições posteriores.

**Henry Ansgar Kelly, *Satan: A Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.**

**Contribuição** Traça a trajetória da figura do adversário através das fontes, defendendo que o satan bíblico começa como funcionário do tribunal celeste antes de ser reinterpretado como inimigo de Deus.

**T. J. Wray e Gregory Mobley, *The Birth of Satan: Tracing the Devil's Biblical Roots*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.**

**Contribuição** Síntese acessível sobre as raízes bíblicas do diabo; reforça a leitura do acusador de Jó como membro da corte divina.

## Nota de Honestidade Intelectual

*A tese central do documentário permanece defensável à luz destas fontes: que o Livro de Jó descreve uma assembleia celeste em que o acusador obtém, dentro de limites traçados pelo próprio Deus, permissão para provar a integridade de um homem — isto é fato textual. Como essa figura deve ser entendida, e em que medida ela coincide com o "Satanás" das tradições posteriores, é questão de interpretação, e por isso este levantamento separa, em seções distintas, o que o texto afirma daquilo que séculos de leitura acrescentaram.*